

**Crioulo cabo-verdiano e papiamento:  
estudo comparativo de demonstrativos em anáfora no gênero  
textual de notícia**

*Cape-verdian creole and papiamento:  
comparative study of demonstratives in anaphora in the textual genre of news*

César Nardelli Cambraia<sup>1</sup>

Daiane Soares Bertolino<sup>2</sup>

**Resumo:** Este estudo teve como objetivo analisar comparativamente demonstrativos no crioulo cabo-verdiano e no papiamento na função de anáfora na modalidade escrita. Do ponto de vista teórico-metodológico, este estudo se baseou no modelo teórico tipológico-funcional de Givón (2001) e no modelo descritivo de Halliday e Hasan (1976), tendo sido realizado com base em um *corpus* composto de dados extraídos de textos do gênero textual de notícia. Testaram-se duas hipóteses, que puderam ser comprovadas. A primeira hipótese foi a de que a função anafórica é codificada prototipicamente por uma forma específica em cada língua, o que foi confirmado, pois se constatou que, no crioulo cabo-verdiano, a forma prototípica usada para essa função foi *es* e, no papiamento, foi *e...aki /esaki*. A segunda hipótese foi a de que outras formas podem aparecer exercendo essa função excepcionalmente, o que também foi confirmado, já que se constatou o emprego de *kel/kes* e de *kel li* exercendo a função de anáfora no crioulo cabo-verdiano e de *e...ei/esei* e *e...ayá* no papiamento. No caso do crioulo cabo-verdiano, as formas alternativas para expressar anáfora podem ocorrer por duas razões: (a) quando se trata de expressão demonstrativa com demonstrativo na posição de núcleo (empregando-se *kel li*) e (b) quando há a função superveniente de ativação de conhecimento compartilhado pressuposto pelo locutor (empregando-se *kel/kes*). Entretanto, há também a possibilidade de ocorrer *kel/kes* em contextos que não são os dois descritos anteriormente, o que significa que haveria variação linguística nesse domínio. No caso do papiamento, as formas alternativas para expressar anáfora podem ocorrer para codificar diferentes graus de distância em relação ao lugar da enunciação no caso de expressões demonstrativas temporais: usa-se *e...ayá* para marcar passado distante, *e...ei* para marcar passado indefinido ou próximo e *e...aki* para marcar futuro próximo. Entretanto, constatou-se também a existência de variação linguística, pois houve ocorrência de *e...aki* em expressão demonstrativa temporal para marcar passado próximo, assim como o faz prototipicamente *e...ei*, e também de *e...ei/esei* em expressões demonstrativas não temporais, assim como o faz prototipicamente *e...aki/esaki*.

**Palavras-chave:** Demonstrativo; Crioulo; Cabo Verde; Papiamento; Funcionalismo; Variação.

---

<sup>1</sup> Professor Titular de Filologia Românica na Faculdade de Letras da UFMG. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Contato: [nardelli@ufmg.br](mailto:nardelli@ufmg.br).

<sup>2</sup> Graduanda em Letras na Faculdade de Letras da UFMG. Bolsista de Iniciação Científica do CNPq. Contato: [daianesoaresb@gmail.com](mailto:daianesoaresb@gmail.com).

**Abstract:** This study aimed to analyze comparatively demonstratives in Cape Verdean Creole and Papiamentu on the function of anaphora in the written modality. From the theoretical-methodological point of view, this study was based on the typological-functional theoretical model of Givón (2001) and the descriptive model of Halliday and Hasan (1976), based on a corpus composed of data extracted from texts from textual genre of news. Two hypotheses were tested, which could be proven. The first hypothesis was that the anaphoric function is prototypically coded by a specific form in each language, which was confirmed, since it was found that, in Cape Verdean Creole, the prototype form used for this function was *es* and, in Papiamentu, it was *e...aki/esaki*. The second hypothesis was that other forms may appear to perform this function exceptionally, which was also confirmed, since the use of *kel/kes* and *kel li* was found to perform the function of anaphora in Cape Verdean Creole and of *e...ei/esei* and *e...ayá* in the Papiamentu. In the case of Cape Verdean Creole, alternative forms for expressing anaphora may occur for two reasons: (a) when there is a demonstrative expression with demonstrative in the nuclear position (use of *kel li*) and (b) when there is the intention of activating knowledge shared by the speaker (use of *kel/kes*). However, there is also the possibility of *kel/kes* occurring in contexts other than the two previously described, which means that is linguistic variation in this domain. In the case of Papiamentu, alternative forms for expressing anaphora may occur to encode different degrees of distance from the place of enunciation in the case of temporal demonstrative expressions: it is used *e...ayá* to mark distant past, *e...ei* to mark indefinite or near past and *e...aki* to mark near future. However, there is also the existence of linguistic variation, the use of *e...aki* was found in temporal demonstrative expression to mark near past, as *e...ei* does prototypically, and also the use of *e...ei/esei* in non-temporal demonstrative expressions, as *e...aki/esaki* do prototypically.

**Keywords:** Demonstrative; Creole; Cape Verde; Papiamentu; Functionalism; Variation.

## 1. Introdução

Os demonstrativos já tem sido objeto de estudo nas mais variadas perspectivas há tempos, mas, ainda assim, continuam sendo um grande desafio para qualquer modelo teórico em função da complexidade dessa categoria linguística. Uma das principais dificuldades para a compreensão do funcionamento dos demonstrativos em diferentes línguas diz respeito à seleção de formas por função. No presente trabalho, discute-se essa questão comparativamente na modalidade escrita do crioulo cabo-verdiano e do papiamentu, considerando prioritariamente a função discursivo-pragmática de anáfora.

## 2. Demonstrativos em dois crioulos: síntese de descrições prévias

### 2.1. Crioulo cabo-verdiano (CCV)

O domínio linguístico do CCV se distribui em duas grandes áreas dialetais: barlavento (referente às ilhas de Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Sal e Boa Vista, ao norte) e sotavento (referente às ilhas de Maio, Santiago, Fogo e Brava, ao sul). No presente estudo, pretende-se focar especificamente a variedade de sotavento<sup>3</sup>.

De acordo com Quint (2000, p. 185-187), o sistema de demonstrativos no CCV da Ilha de Santiago é duplamente binário: (a) possui dois demonstrativos distintos (*kel*, um determinante em sentido amplo, e *es*, que implica na noção de imediatidade no espaço ou no tempo); e (b) expressa dois graus de afastamento (proximidade marcada pelo advérbio *li* e afastamento marcado pelo advérbio *la*). Esse autor considera que esse sistema resulta da sobreposição de dois sistemas distintos de representação espacial: um mais antigo (sistema 1) e um ao qual tende o CCV moderno (sistema 2). Esses sistemas são assim esquematizados pelo autor:

**Quadro 1.** Demonstrativos no CCV da Ilha de Santiago

	Sistema 1		Sistema 2	
	Eu	Não-eu	Eu	Não-eu
<b>Demonstrativo</b>	<i>es</i>	<i>kel</i>	<i>kel</i>	
<b>Advérbio de lugar</b>	<i>li</i>	<i>la</i>	<i>li</i>	<i>la</i>

Fonte: Adaptado de Quint (2000, p. 186-187).

Haveria, assim, uma tendência de desaparecimento de *es* em favor de *kel*, o que explicaria a existência de *kel li* no CCV moderno.

Veiga (2000, p. 163-164) apresenta uma descrição dos demonstrativos no CCV da Ilha de Santiago da qual se podem extrair as seguintes formas, em comparação feita por ele mesmo com as formas do português:

<sup>3</sup> Para demonstrativos no domínio linguístico de barlavento, cf. Silva (1957 [1984, p. 135 e 164]), Cardoso (1989, p. 31-33), Veiga (2000, p. 163-164), Delgado (2008, p. 120-130) e Swolkien (2015, p. 116-119).

**Quadro 2.** Demonstrativos no CCV da Ilha de Santiago e no português

	CCV	Português
<b>Proximidade da 1ª pessoa</b>	<i>es</i>	<i>este, esta</i>
	<i>es ... li</i>	idem
	<i>kel ... li</i>	idem
	<i>kes ... li</i>	<i>estes, estas</i>
<b>Proximidade da 2ª pessoa</b>	<i>kel ... la</i>	<i>esse, essa</i>
	<i>kes ... la</i>	<i>esses, essas</i>
<b>Afastamento da 1ª pessoa</b>	<i>kel (ki)</i>	<i>o, a (que)</i>
	<i>kel ... la</i>	<i>aquele, aquela</i>
	<i>kes ... la</i>	<i>aqueles, aquelas</i>
	<i>kes</i>	<i>os, as (que)</i>

Fonte: Adaptado de Veiga (2000, p. 163-164).

Segundo Veiga (2000, p. 163), a função semântica dos demonstrativos é a de situar o objeto ou a realidade designada, podendo indicar a proximidade ou o afastamento do designado em relação ao sujeito.

Brüser e Santos (2002, p. XXXV) apresentam o sistema de demonstrativos do CCV da Ilha de Santiago como composto das seguintes formas:

**Quadro 3.** Demonstrativos no CCV da Ilha de Santiago

Sing.	Pl.
<i>es (kuza) (li)</i>	<i>es (kuzas) (li)</i>
<i>kel (kuza) (li/la)</i>	<i>kes (kuza) (li/la)</i>

Fonte: Adaptado de Brüser e Santos (2002, p. XXXV).

No que se refere às funções que desempenham os demonstrativos no CCV, Brüser e Santos (2002, p. XXXV) apresentam a seguinte explicação:

Enquanto que *kel* (à semelhança do que acontece com os pronomes latino *is* e francês *ce*) nada exprime acerca da proximidade ou distância, quer espacial quer temporal, do referente em questão, o pronome *es* situa-o sempre espacialmente próximo do locutor ou temporalmente próximo do momento da enunciação [...] (BRÜSER; SANTOS, 2002, p. XXXV).

Baptista (2002, p. 57-59) registra, como formas de demonstrativo no CCV, *es* e *kel/kes*. Considerando *kel/kes*, afirma que a forma opcional *li* marca proximidade e *la* marca distância, podendo *li* e *la* marcar também simplesmente contraste. Quanto a *es*, esta forma se combina apenas com *li*. A diferença semântica entre *es* e *kel/kel*, segundo informa, está no fato de *kel/kel* poderem expressar tanto proximidade quanto distância, enquanto, em contraste, *es* poder expressar apenas proximidade.

As descrições acima, que se baseiam fundamentalmente na modalidade oral do CCV, apresentam diferenças interessantes. Primeiramente, Veiga (2000) considera

a figura do interlocutor como fator pertinente para diferenciar os valores dos demonstrativos, mas Quint (2000), Brüser e Santos (2002) e Baptista (2002) não fazem menção a essa pessoa do discurso, tratando apenas de referência ao locutor. Em segundo lugar, vê-se que Quint (2000) e Veiga (2000) associam as formas *kel/kes* a afastamento da 1ª pessoa, Brüser e Santos (2002) defendem que essas formas nada expressam em relação a distância e Baptista (2002) considera que podem expressar proximidade ou afastamento.

## 2.2. Papiamento (PAP)

Lenz (1928, p. 1060) afirma que os demonstrativos têm uma só forma adjetiva *es* (port. *esse*, esp. *ese*) que recebe adjunção de três advérbios locativos, com as seguintes equivalências para o francês<sup>4</sup>: *es kas = cette maison* (= “esta casa”); *es kas akí = cette maison-ci* (= “esta casa aqui”), *es kas aí = cette maison-là* (= “aquela casa lá”), *es kas ayá = cette maison-là* (= “aquela casa lá”). Os pronomes correspondentes são *esakí*, *esai* e *esayá*, com plural formado com a anexação de *-nan*. Afirma, porém, que, em vez de *es kas akí*, pode-se dizer *e kas akí*, sendo o primeiro elemento da expressão o artigo. Outras descrições mencionam apenas a presença da forma do artigo na estrutura da expressão demonstrativa<sup>5</sup> (GOILO, 1962 [2000]; MAURER, 1988; MUNTEANU, 1996).

No que se refere à informação codificada pelos demonstrativos no PAP, Maurer (1988, p. 37) afirma que “a diferença entre os três demonstrativos concerne aos graus de distância em relação ao lugar da enunciação; contrariamente ao espanhol, essa diferença não concerne à dêixis pessoal” (tradução nossa). Já Munteanu (1996, p. 308-309) assinala que esse sistema, bidimensional, tem distinção com respeito ao falante (proximidade à segunda pessoa e proximidade à terceira). Causa surpresa que esse estudioso saliente reiteradamente a questão da bidimensionalidade (proximidade × afastamento), mas sempre apresente um sistema de três formas diferentes.

<sup>4</sup> As traduções para o francês são de Lenz e para o português são nossas.

<sup>5</sup> Entende-se aqui por *expressão demonstrativa* o sintagma nominal que contém um demonstrativo.

### 3. Fundamentação teórica: demonstrativos em uma perspectiva tipológico-funcional<sup>6</sup>

O funcionalismo se caracteriza por ser uma teoria da organização gramatical das línguas naturais que se encaixa em uma teoria global da interação social e que considera que a gramática está sujeita a pressões do uso (NEVES, 1997, p. 15). Essa teoria se fundamenta nos seguintes postulados: (a) define a língua como *instrumento de interação social*; (b) considera que a principal função da língua é a *comunicação*; (c) tem como correlato psicológico a competência comunicada, entendida como *a habilidade de interagir socialmente por meio da língua*; (d) defende que o sistema linguístico deve ser estudado *dentro do quadro do uso*; (e) exige que a descrição linguística forneça dados para dar conta de *seu funcionamento num dado contexto*; (f) considera que a aquisição da linguagem se faz com a ajuda de *um input extenso e estruturado de dados apresentados no contexto natural*; (g) explica os universais linguísticos com base em *restrições comunicativas, biológicas/psicológicas e contextuais*; e (h) estabelece como prioridade a *pragmática*, quadro dentro do qual a semântica e sintaxe são estudadas (NEVES, 1997, p. 46).

Além disso, segundo esclarecem Martelotta e Areas (2003, p. 28), as seguintes premissas pertencem à concepção funcionalista de linguagem de Givón (1995): (a) a linguagem é uma *atividade sociocultural*; (b) a estrutura serve a *funções cognitivas e comunicativas*; (c) a estrutura é *não-arbitrária, motivada, icônica*; (d) a mudança e a variação estão *sempre presentes*; (e) o sentido é *contextualmente dependente e não-atômico*; (f) as categorias *não são discretas*; (g) a estrutura é *maleável e não-rígida*; (h) as gramáticas são *emergentes*; e (i) as regras da gramática permitem algumas exceções.

Dentre as vertentes funcionalistas, o modelo tipológico-funcional de Givón (2001) é especialmente interessante para os estudos de mudança linguística em função de sua capacidade de integrar uma orientação *funcionalista*, que enfatiza a função comunicativa da linguagem na análise e se fundamenta no estudo da língua no seu contexto de uso, a uma orientação *tipológica*, que procura dar conta da diversidade linguística. O modelo de Givón (2001) se baseia no pressuposto de que as

---

<sup>6</sup> Esta seção retoma uma síntese apresentada em Cambraia, Melo, Vilaça e Saltarelli (2016, p. 30-32).

duas funções primárias da linguagem humana são a *representação* e a *comunicação* de conhecimento. A comunicação adequadamente codificada se organiza em dois subsistemas: o de *representação cognitiva* e o de *codificação comunicativa*.

Os pronomes (e, portanto, também os demonstrativos), que fazem parte do *código gramatical*, um dos níveis do subsistema de codificação comunicativa, são situados por Givón (2001, v. 1, p. 399) na interseção de dois domínios funcionais: o *semântico* e o *discursivo-pragmático*.

É justamente porque os demonstrativos desempenham distintas funções (codificação *semântica* e *discursivo-pragmática*) que seu sistema apresenta grande complexidade. Pode-se dizer que consiste em um sistema em permanente “tensão” em função da competição entre diferentes pressões funcionais:

O fato de a gramática das orações codificar simultaneamente informação semântico-proposicional e discursivo-pragmática tem grandes consequências. Uma vez que as exigências de codificação das duas estão frequentemente em conflito, a estrutura resultante é um *compromisso adaptativo* entre as pressões funcionais em competição (GIVÓN, 2001, v. 1, p. 19, grifos do autor, tradução nossa).

Segundo essa visão sobre os demonstrativos, a compreensão para o funcionamento dessa categoria nas línguas em geral significa necessariamente buscar avaliar como interagem as diferentes pressões funcionais, uma vez que as diferentes formas de solucionar os conflitos entre essas pressões é certamente uma dos padrões da diversidade linguística (CAMBRAIA, 2015a).

#### 4. Hipóteses de trabalho

No quadro teórico do funcionalismo, considera-se que a gramática de uma língua se organiza tendo em conta funções cognitivas e comunicativas. Com base nesse pressuposto, pode-se hipotetizar que *a função anafórica é codificada prototipicamente por uma forma específica em cada língua*. Entretanto, é possível hipotetizar também que *outras formas podem aparecer exercendo essa função excepcionalmente*. A presença dessas outras formas se daria por dois motivos: pela

necessidade de codificar uma função superveniente<sup>7</sup> ou ainda em razão de variação decorrente de possíveis mudanças em andamento no sistema de demonstrativos de cada uma das línguas consideradas. A diferenciação entre esses dois casos pode ser realizada verificando se há a presença de uma função superveniente: se há, então se trata de diferença funcional e não de variação; se não há, então não se trata de diferença funcional e sim de variação.

## 5. Metodologia

Como esta pesquisa foi feita no quadro de um conjunto mais amplo de estudos sobre demonstrativos, foi necessário trabalhar com critérios compatíveis com os estudos precedentes (CAMBRAIA, 2012, 2015b, 2018; ECHEVERRÍA, 2012; RAMALHO, 2016, 2018), em que se adotaram textos escritos como fonte de dados, considerando três gêneros textuais (literário teatral cômico, literário narrativo e não-literário de notícia). Adotou-se aqui o gênero textual de notícia, uma vez que oferece dados relativos a uma perspectiva mais objetiva de veiculação de informação, com possivelmente menos presença de funções supervenientes, como ênfase ou atitude (disposição interior) do locutor em relação ao referente (apreciativa ou depreciativa). Foram eleitas as seguintes fontes para este estudo: para o CCV, a página eletrônica de notícias *Onda Kriolu*<sup>8</sup>, e, para o PAP, a página eletrônica de notícias *Vigilante Korsou*<sup>9</sup>. Do ponto de vista diatópico, buscou-se focar o estudo na expressão linguística de autores vinculados às ilhas de sotavento para o CCV e de Curaçao para o PAP. Do ponto de vista temporal, coletaram-se notícias publicadas durante os anos de 2018 e 2019. Em vista de opção por focar apenas a função discursivo-pragmática de anáfora, decidiu-se trabalhar com um volume de dados superior ao de estudos precedentes, analisando-se aqui as 200 primeiras ocorrências de demonstrativos na função de anáfora em cada *corpus*: nos estudos prévios, esse volume girou em torno de aprox. 80 dados (no gênero teatral) e 100 dados (no gênero narrativo). Para

<sup>7</sup> Entende-se aqui por *função superveniente* a que é codificada cumulativamente por uma expressão demonstrativa, além da função discursivo-pragmática, não deixando esta de estar presente, mas tendo sua codificação formal explícita possivelmente substituída pela da função superveniente.

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/onda.kriolu>>.

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://www.vigilantekorsou.news>>.



controlar melhor os fatores atuantes na seleção dos demonstrativos, optou-se também por analisar apenas dados que fossem parte do discurso do autor da notícia (excluindo, p. ex., dados de entrevistados) e cujo antecedente estivesse apenas no discurso desse autor.

Em função de convergência na evolução fônica, existe, no CCV, homonímia entre o pronome pessoal de 3ª pessoa do plural *es* (= port. *eles*) e o demonstrativo invariável *es*, que pode ser usado para expressar plural (= port. *estes/esses*). Em três circunstâncias, podem-se diferenciar esses homônimos com clareza:

(a) quando *es* aparece como núcleo de sintagma com forma reduzida com elisão da vogal inicial em função de sândi vocálico externo, trata-se do pronome pessoal, pois, na posição de núcleo, o demonstrativo é sempre tônico (LANG, 2018, p. 120) e, portanto, não perderia essa vogal;

(b) quando *es* aparece com forma plena como determinante modificando um substantivo, trata-se do demonstrativo, pois o pronome pessoal só ocorre como núcleo de sintagma; e

(c) quando *es* aparece com forma plena como núcleo de sintagma e há evidência contextual (sintática ou semântica) de associação a referente no singular, trata-se do demonstrativo, pois a forma de singular do pronome pessoal é *el* (com suas variantes formais diferentes de *es*).

Há, porém, uma circunstância em que não é possível diferenciar com clareza os homônimos: quando *es* aparece com forma plena como núcleo de sintagma e há evidência contextual (sintática ou semântica) de associação a referente no plural. Nesse caso, optou-se por excluir essas ocorrências da presente análise, as quais não foram contabilizadas dentro do total de 200 ocorrências consideradas na análise.

## 6. Descrição e discussão dos dados

Antes de apresentar os dados, deve-se salientar aqui que, em função de decisões metodológicas realizadas, o *corpus* representa o uso de demonstrativos em um contexto bastante específico: no gênero textual de notícia, com referência a fatos locais, no discurso apenas do autor da notícia (não se analisou o discurso de entrevistados), retomando antecedente sempre no seu discurso, e na função de anáfora (tendo sempre um antecedente que seja correferente à expressão demonstrativa considerada e não podendo ser recuperado pelo contexto da situação comunicativa).

Os dados de demonstrativos nesse contexto apresentam os seguintes resultados<sup>10</sup>:

**Tabela 1.** Demonstrativos em anáfora no *corpus* do CCV e do PAP por forma

	FI		FII			Total		
	<i>ø</i>	<i>li</i>	<i>ø</i>	<i>li</i>	<i>la</i>	<i>ø</i>	<i>li</i>	<i>la</i>
CCV	172	–	11	17	–	183	17	–
	172 (86%)		28 (14%)			200 (100%)		
PAP	F1	F2	F3					
	183 (91,5%)	15 (7,5%)	2 (1%)			200 (100%)		

Esses dados confirmam a hipótese de que a função anafórica é codificada prototipicamente por uma forma específica em cada língua: no caso de CCV, se trata de FI (sem adjunção), e, no caso do PAP, se trata de F1<sup>11</sup>.

É importante esclarecer aqui uma diferença fundamental entre esses dois sistemas em termos de adjunção adverbial: no caso do CCV, essa adjunção é opcional, uma vez que os demonstrativos podem ocorrer efetivamente sem ela; já no caso do PAP, a adjunção é constitutiva do demonstrativo nessa língua, uma vez que, quando este acompanha um substantivo, o que o diferencia do artigo definido é justamente a existência da adjunção adverbial: cf. *e* (artigo definido) × *e...aki* (demonstrativo). No

<sup>10</sup> A fim de facilitar a referência às formas de demonstrativos sem especificar suas formas flexionadas, adotam-se FI para *es* (com ou sem adjunção), FII para *kel* (com ou sem adjunção) e flexão; F1 para *e...aki/esaki* e flexões; F2 para *e...ei/esei* e flexões; e F3 para *e...ayá/esayá* e flexões.

<sup>11</sup> Como assinalado antes, as estruturas *e...aki* e *esaki* foram consideradas aqui como representantes de uma mesma forma de demonstrativo (F1), referindo-se sua diferença, respectivamente, a demonstrativo acompanhado de substantivo e demonstrativo não acompanhado de substantivo. Do ponto de vista paradigmático, essas estruturas pertencem a uma mesma categoria.

PAP, quando o demonstrativo ocorre como núcleo do SN, apresenta, além disso, um –s– (*esaki, esei, esayá*).

Uma primeira questão que pode ser avaliada para compreender os padrões que os demonstrativos apresentam na função de anáfora no CCV e no PAP é justamente a já referida posição no SN, que pode ser no núcleo (N) ou na margem (M):

**Tabela 2** – Demonstrativos em anáfora no *corpus* do CCV e do PAP por posição no SN e por forma<sup>12</sup>

		FI		FII		Total	
		ø	li	ø	li	ø	li
CCV	N	–	–	1	17	1	17
		–	–	18 (100%)		18 (100%)	
	M	172	–	10	–	182	–
		(95%)		(5%)		182 (100%)	
PAP		F1	F2	F3		88 (100%)	
	N	85 (97%)	3 (3%)	–		88 (100%)	
	M	98 (88%)	12 (10%)	2 (2%)	–	112 (100%)	

Os dados da tabela 2 indicam que a posição no SN é um aspecto bastante atuante na seleção de formas de demonstrativos no CCV, embora não tão atuante no PAP.

No caso do CCV, deve-se inicialmente chamar a atenção para a decisão metodológica de não se ter analisado FI quando aparece com forma plena como núcleo de sintagma e há evidência contextual sintática ou semântica de associação a referente no plural, uma vez que não é possível diferenciá-lo claramente do pronome pessoal homônimo nesse contexto. Por um lado, a ausência de dados para FI na posição de núcleo poderia estar relacionada especificamente a essa decisão, mas, por outro lado, a referida decisão diz respeito apenas a referente no plural, então se vê que, pelo menos para o singular, não efetivamente há uso de FI na posição de núcleo<sup>13</sup>.

No que se refere a FII no CCV, é bastante evidente como a questão da posição no SN é relevante: no *corpus*, quase todos os casos de FII sem adjunção estão na posição de margem e todos os casos com adjunção estão na posição de núcleo. A única

<sup>12</sup> Como não há ocorrências de FI + *li* e FII + *la* no *corpus* do CCV, essas opções não serão referidas nesta tabela e nas subsequentes.

<sup>13</sup> Há, no *corpus* do CCV, 149 ocs. de FI acompanhando substantivo no singular e 23 ocs. no plural.

ocorrência de FII na posição de núcleo é em uma estrutura que será comentada mais abaixo: cf. dado em (11) adiante.

No que se refere aos dados do PAP, a posição no SN não parece ser aspecto muito atuante para a seleção das formas de demonstrativo: percebe-se um favorecimento para F1 na posição de núcleo e de F2 na posição de margem, sem exclusividade em nenhum desses dois casos. No que diz respeito a F3, percebe-se sua presença no *corpus* apenas na posição de margem: dada sua baixa frequência de forma geral no *corpus*, não parece seguro afirmar que se trate de forma selecionada em função da posição no SN.

Um segundo aspecto que pode ser considerado na análise dos demonstrativos é a codificação das informações semânticas de espaço, tempo e pessoa. Em função do tipo de *corpus* selecionado, essas informações apresentam majoritariamente os seguintes valores: do ponto de vista espacial, os referentes se situam em *local próximo* (são notícias predominantemente locais); do ponto de vista temporal, os referentes se situam em *passado recente* (tratam de eventos recentes); e do ponto de vista pessoal, os referentes se situam *fora do campo do locutor* (envolvem fatos relacionados a terceiros, e não ao locutor), embora o antecedente esteja no discurso do locutor. Essa combinação apresenta um resultado interessante: vê-se claramente que, em função da predominância de formas de demonstrativo que codificam proximidade nesses *corpora*, a codificação de informação relativa a enquadramento fora do campo do locutor (que deveria levar à escolha de uma forma que codifica distância) ficou quase que completamente ofuscada pela codificação de informação relativa a proximidade espacial e temporal. Uma interpretação alternativa seria considerar que, por se tratar de notícias locais, o locutor consideraria os referentes sempre dentro do campo do locutor, ou seja, embora os referentes não digam respeito especificamente ao locutor, pode-se considerar ainda assim que lhe digam respeito genericamente pelo fato se referirem a questões relacionadas ao seu país e a seus compatriotas.

Dada a presença majoritária dos valores acima citados, parece mais produtivo analisar com detalhe as ocorrências em que não aparecem as formas prototípicas para cada caso. Serão excluídas da análise a seguir as ocorrências de FII + *li* do CCV, que, como já se demonstrou pela

tabela 2, são selecionadas para codificar proximidade quando não há substantivo na expressão demonstrativa.

As 12 ocorrências com FII sem adjunção adverbial<sup>14</sup> no *corpus* do CCV<sup>15</sup> foram as seguintes<sup>16</sup>:

- (01) Korpu tradu di mar es quarta-fera pur volta di 4 hora di tardi mas inda falta konfirma si ê di Aguinaldo ou di Adilson, **kes** 2 irmon ki korrenti leba es segunda-fera di tardi. (CCV, 02/01/2019)
- (02) Asidenti envolvi 3 motas ki staba ta sirkula es dia dimingu di tardi na direson Ponte do Sul/ Porto Novo y ê kontisi kuandu un di **kes** kondudoris bai tenta ultrapasa kel otu y na fin tudu 3 mota perdi kontrolu. (CCV, 14/01/2019)
- (03) Kuazi 10 tonelada di kokaina kemadu es sábadu na Praia Maria [...] Di es viaji agentes di PJ uza maskara mas fumu ki labanta era vizível na lixera di Palmarejo, na Praia, undi es sábadu kemadu **kes** 9.750 kilu di kokaina puru ki atxadu kinta-fera pasadu dentu di un barku na kais di Praia y ki ta ronda uns 55 milhon di kontu... (CCV, 02/02/2019)
- (04/05) Ses dona inda teni speransa di odjás un dia ta volta pa kaza; [...] A-partir di enton vovó Bianina nunca + ka odja es si 2 netinhu ki ê ta fla ma era si bilida d'odju... Pa Bianina foi 365 di dizusperadu, sempri ku kurason pertadu mas tambí sempri ku **kel** speransa di un dia odja Nina ku Filú ta soma na porta. § UNDI KI STA NINA KU FILÚ ? § Kel li ê un pergunta ki **kes** irmon + pikinitoti di Nina ku Filu ta kuazi fazi tudu dia, mas infelismenti nen Nha Bianina nen ningén ka ten risposta. (CCV, 04/02/2019)
- (06) Finalmenti ê es "spritu di kumunidade" y di "djunta-mon" típiku di kabu-verdianu ki talves pirmitil salva es companhia kuandu txeu otus fábricas na Pawtucket fitxa... [...] Si fidjus ki també kria ku **kel** spritu kabu-verdianu y ki oji sta kumanda companhia kré sima ses mai kontinua ta da trabadjadoris un kuza ki ê difisil di kontabiliza en dolar. (CCV, 21/02/2019)
- (07) [...] ê pa luta kontra es "epidemia" ki IGAE ten stadu ta tenta tra es prudu falsu di sirkulason ou mesmu tenpu ki es ten stadu ta distrui **kes** kalda falsu na ses lokal di pruduson... (CCV, 28/03/2019)
- (08) Governo disidi da un penson di 75 kontu pa mes pa vítimas di tortura di partidu uniku § ES Ê KENHA ? § Ê **kes** vitimas di 31 di Agosto di 1981 na Santo Antão y di Maio di 1977 na S.Vicente... (CCV, 15/05/2019)
- (09/10) Marxa foi un inisiativa di organizason Acrides ku partisipason di amigos y di familiaris di vitimas, pur ocazion di Dia das Crianças Desaparecidas ki ta kumemoradu na manhan dia 25 di Abril mas ki foi antesipadu pa podi konta ku partisipason di kriansas di skola, prinsipalemnti kolegas di **kes** kriansas dizaparesidas, kuza ki finalmenti ka kontisi pamodi

<sup>14</sup> Embora a discussão sobre a possibilidade de *kel/kes* desempenharem, em certos contextos, função igual à de artigos definidos (LUCCHESI, 1993; ALEXANDRE; SOARES, 2005) ultrapasse os objetivos deste estudo, não se pode deixar de registrar que, nos dados a seguir, FII parece enquadrar-se no caso em que as fronteiras entre demonstrativo e artigo definido não estão bem demarcadas.

<sup>15</sup> Para compactar a apresentação dos dados, usa-se o sinal § para representar mudança de parágrafo no texto original.

<sup>16</sup> Emprega-se aqui sublinhado para marcar o antecedente e itálico para marcar a expressão demonstrativa.

di akordu ku direson di Acrides kriansas ki staba interesadas y engajadas na marxa ka bai pamodi Direção Escolar ka pirmiti. § Marxa termina frenti di Palásio di Governo undi manifestantis ruspeta un minuto di silensio artis de larga balon en memoria di *tudu kes jovens y kriansas ki sta perdedu*. (CCV, 24/05/2019)

(11/12) Grasas a votu di jury y tanbé a votu di kabu-verdianus ki vota nel online na meias-finais Rafael Lopes Fonseca, 20 anu d'idade, sta entri kes 25 kandidatu ki sta bai disputa final di Model Europe 2019/2015 na categoria di modelo kumersial. § Final di *kel ki konsideradu terseru maior konkursu di modelo di mundu y kel primeru di Europa* sta markadu pa dia 16 di Febrereu di 2020 na Bruxelas, Belgica [...]. (CCV, 15/12/2019)

A seleção de FII sem adjunção parece ter sido motivada, na maioria dos casos, pela ativação de conhecimento compartilhado pressuposto pelo locutor: nesses casos, a retomada é feita com expressão demonstrativa que apresenta informação nova no texto mas que o locutor pressuporia ser de conhecimento do interlocutor (no caso, o leitor). Essa informação nova no texto, mas pressuposta como de conhecimento compartilhado, é veiculada através: (a) de oração relativa restritiva, como nos dados em (01) [cf. *ki korrenti...di tardi*], em (03) [cf. *ki atxadu...di kontu*] e em (11) [cf. *ki konsideradu... di mundu*]; (b) de oração completiva, como no dado em (04) [cf. *di un dia... na porta*] e (c) de adjunto adnominal não oracional, como nos dados em (05) [cf. *+ pikinitoti di Nina ku Filu*], em (08) [cf. *di 31 di Agosto di 1981 na Santo Antão y di Maio di 1977 na S.Vicente*] e em (12) [cf. *primeru di Europa*]. Saliente-se novamente que essas informações não apareceram antes no texto. Pode-se considerar que, nesses sete casos, a seleção de FII tem a função superveniente de codificar informação pressuposta como de conhecimento compartilhado: o locutor avança na construção da referência remetendo a esse conhecimento compartilhado.

Esses casos têm muita semelhança com o padrão da catáfora estrutural, um tipo de endófora que não é objeto deste estudo. Nos casos prototípicos de catáfora estrutural, a expressão demonstrativa não remete a um antecedente com que estabelece correferência no corpo do texto. Como, nos casos citados acima, há a especificidade de existir essa relação, foram classificados aqui como casos de anáfora.

Nos cinco demais casos, não há propriamente introdução de informação nova no texto através da expressão demonstrativa: há retomada através de: (a) metonímia, como no dado em (02) [cf. *3 motas > kes kondudoris*]; (b) hiponímia, como no dado em (07) [cf. *es prudu falsu > kes kalda falsu*]; (c) reiteração nominal com redução, como no dado em (06) [cf. *es "spritu di kumunidade" y di "djunta-mon" típiku di kabu-verdianu > kel spritu kabu-verdianu*]; e (d) reiteração nominal acompanhada de

sinonímia, como nos dados em (09) e (10) [cf. *Dia das Crianças Desaparecidas > kes kriansas dizaparesidas > tudu kes jovens y kriansas ki sta perdu*]. Nesses casos, em função da ausência de função superveniente detectável, pode-se dizer que se trata de casos de variação linguística, ou seja, FII estaria codificando simplesmente anáfora como nos outros tantos demais casos constatados com FI.

No caso do PAP, as 17 ocorrências com forma diferente da prototípica foram:

- (13) N'e momentunan aki, dokumentashon disponibel den korte di hustisia mes ta konkluí ku SONA por ehèmpel no por splika dikon nan a tabata pagando sierto fakturanan ku nan mes ta "kuestioná". *Esei* pe parti organisatorio. (PAP, 17/11/2019)
- (14/15) Den fin di siman ya tabatin basta moveshon na e hotèl, tantu di wéspetnan di eksterior komo di hende lokal ku – despues ku 3 aña pasá a sera e hotèl pa por a efektuá un renovashon i ekspanshon supstansial – tabata ke rebibá *e tempunan ayá*. § A hasi bon uso di un oferta spesial pa wéspetnan lokal pa rekordá *e tempunan ayá* i pa por kompará ku ántes. (PAP, 17/11/2019)
- (16) Abase di un voorraad diario di 300 mil florin tur botika ta bai pèrdè mas ku 100 mil florin, unabes ku e bende *e kantidat ei*. (PAP, 17/11/2019)
- (17) Sin yega na e fase aki ta asina ku Vigilante ta informá ku tin doño di botika ku a baha nan salario pa por a usa esaki pa por yuda paga salario di trahadónan ya ku e negoshi no ta dje *rendabel ei* pa nan mas. (PAP, 17/11/2019)
- (18) Na momento ku e NH90 a logra mira e 'go-fast' skèrpi, e tripulashon di e 'go-fast' a purba di tira tur e kargamentu den laman. Groningen *e ora ei* a lansa su botonan di velosidat haltu (FRISC) [...]. (PAP, 18/11/2019)
- (19) Di otro banda, Korte di Hustisia tambe, riba dia di veredikto di Nini Fonseca ya a anunsiá ku Jorge Jamaloodin tabata esun kende a finansiá morto di Helmin Wiels. *Esei* ta un indikashon ku tantu korte di hustisia komo Ministerio Públiko ta kombensí ku e dos rumannan ta den morto di Wiels, [...]. (PAP, 18/11/2019)
- (20) E klima i medio ambiente riba e islanan ta brinda un reto èkstra na e Militarnan ku ta den entrenamentu. Ta pa *e motibu ei* ta invertí den mehorashon i desaroyo den e kamponan di entrenamentu aktual. (PAP, 18/11/2019)
- (21) Sentro pa Inovashon i Guia Edukashonal-SIGE ta pone atenshon e aña aki riba SEGURIDAT SOSIAL di nos muchanan i ta hasi un apelashon riba komunidad en general pa nos para ketu na *esei*. (PAP, 18/11/2019)
- (22/23/24) Diskriminashon òf rasismo hopi biaha ta kuminsá ku su prehuisionan. Tin ora nan por ta bon òf malu. Tambe esaki por pone ku un persona ta pensa ku *e persona ei* no ta apto pa *e sorto di trabou ei* òf nan lo ta esnan ku lo por okashoná problema si e biba den *e bisindario ei*. (PAP, 18/11/2019)
- (25) E promé reunion a tuma lugá 13 di òktober kaminda ku MFK sin su presensia tabata prepará pa pasa un moshon di deskonfiansa. Na *e okashon ei* Staten a pasa un moshon ku

nan kier pa Gobièrnu òf en todo kaso minister Marilyn Alcalá Walle ta presente. (PAP, 18/11/2019)

(26) Esaki a trese kuné ku vise presidente Eugene Cleopa a skors reunion bin bek i pone riba agènda pa 11 di novèmber, pero komo e tabata den eksterior esaki no por a sigui. Den seno di PAR nan a keda straño ku Eugene Cleopa a konvoka e fecha, paso nan tabata sa ku pa *e dia ei* e minister tabata den eksterior. (PAP, 18/11/2019)

(27) A bai einan i a tuma nota ku a logra di kibra drenta den e negoshi unda a saka un kantidat di artíkulo bai kuné. den e kura di e lanthùis ku ta keda pega ku e botika a bin topa ku un kantidat di merkansia kla pone pa bai kuné. Na *e momento ei* a bin realisá ki e tiponan ku a baha for di e vehíkulo i a kore bai den aria di Welatinaweg tabata netamente esnan ku tabata transportando e artíkulon an hòrtá for di den e botika. (PAP, 18/11/2019)

(28) Loke sigur a hala atenshon ayera den e kaso unda a hòrta kasi 800 mil florin na artíkulo for di un negoshi, ta e echo ku un di e sospechosonan ku lo tabata bende algun telefòn hòrtá a deklará ku ta un empresario den Punda lo a dun'é telefònnan pa bende. Esaki a hala basta atenshon unda wes a asta puntra e sospechoso na unda *e negoshi ei* ta keda. (PAP, 19/11/2019)

(29) R.C. a keda konfrontá ayera ku e echo ku e la bende 2 diferente persona telefòn, ku a bin resultá di ta hòrtá. El a bisa ku e no tabata sa mes ku *e telefòn nan ei* tabata hòrtá [...]. (PAP, 19/11/2019)

O primeiro aspecto que chama a atenção nesses dados é a presença frequente de expressões demonstrativas temporais, em seis casos: com F2, nos dados (18) [cf. *ora*], (25) [cf. *okashon*], (26) [cf. *dia*] e (27) [cf. *momento*], ou com F3, nos dados em (14/15) [cf. *tempunan*]. Em todos esses casos se faz referência a passado. Há no *corpus* ainda mais oito outros casos de expressões demonstrativas temporais, todas com F1, havendo em sete casos referência a futuro próximo e em um caso a passado. Organizando esses treze dados em termos de graus de distância temporal em relação ao momento da enunciação (data de publicação da notícia), tem-se:

**Tabela 3.** Demonstrativos em anáfora no *corpus* do PAP por referência temporal e por forma

		F1	F2	F3
Passado	Distante	-	-	2
	Indefinido <sup>17</sup>	-	1	-
	Próximo	1	3	-
Futuro	Próximo	7	-	-

Excetuando pela única ocorrência de F1 marcando passado próximo, as demais apresentam um comportamento compatível com a ideia de graus de distância

<sup>17</sup> No dado em (18) não há informação da data em que o evento ocorreu no passado.



em relação ao lugar da enunciação defendida por Maurer (1988, p. 37). Entretanto, o sistema parece apresentar a especificidade de tratar diferentemente proximidade no passado (com F2) e proximidade no futuro (com F1). Não constam nessa tabela dados relativos a tempo presente, porque todos foram interpretados como casos de exófora (se fossem a primeira menção) ou exo-endófora (se há tivessem sido mencionado antes), não sendo, portanto, objeto deste estudo<sup>18</sup>.

Considerando que não há função superveniente detectada no caso de F1 marcando passado próximo no PAP, deve-se reconhecer a existência de variação linguística nesse caso. Essa ocorrência marcando passado próximo (dia anterior ao da notícia) é a seguinte:

- (30) Ayera mainta, riba e promé dia di e konferensa anual di CANSO Latin America & Caribbean Conference/LAC III na Curaçao Renaissance Resort & Casino, e kompania Merikano AERION huntu ku DC-ANSP a implementá pa e espasio aéreo di Kòrsou e asina yamá 'space based ADS-B' (Automatic Dependent Surveillance-Broadcast). [...] § Na e okashon aki direktora Micilia Albertus-Verboom di DC-ANSP orguyosamente a anunsiá ku djabièrnè último nan tambe a implementá e teknologia avansá aki [...]. (PAP, 19/11/2019)

Um conjunto de três dados com F2 que chama atenção no *corpus* do PAP é o representado pelos dados (22) a (24). Trata-se de dados complexos, porque há duas formas de interpretá-los. Uma primeira interpretação, adotada aqui, é a de que existe correferência entre a expressão *un persona* e as expressões demonstrativas que se seguem (*e persona ei*, *e sorto di trabou ei* e *e bisindario ei*). Nessa interpretação, a relação de preconceito seria de uma pessoa em relação a si mesma, ou seja, uma dada pessoa (*un persona*) pensaria que ela própria (*e persona ei*) não estaria apta para o tipo de trabalho que ela própria pretendia realizar (*e sorto di trabou ei*) e teria problemas na vizinhança em que ela própria morasse (*e bisindario ei*). Nessa interpretação, há anáfora associativa entre *e sorto di trabou ei* e *e bisindario ei* em relação ao antecedente *un persona*. Uma segunda interpretação é a de que não existe correferência entre a expressão *un persona* e as expressões demonstrativas que se seguem. Nessa interpretação, a relação de preconceito seria de uma pessoa em relação a outra pessoa, ou seja, uma dada pessoa (*un persona*) pensaria que uma outra pessoa (*e persona ei*)

---

<sup>18</sup> A título de complementação pode-se assinalar que, em todos os casos referentes a exófora e exo-endófora anafórica dos *corpora*, ocorre apenas F1 no *corpus* do PAP (11 ocs. em exófora e 2 em exo-endófora) e apenas FI no *corpus* do CCV (25 ocs em exófora e 6 ocs em exo-endófora anafórica). Há, portanto, grande regularidade na expressão de tempo presente.

não estaria apta para o tipo de trabalho que essa outra pessoa pretendia realizar (*e sorto di trabou ei*) e essa outra pessoa teria problemas na vizinhança em que morasse (*e bisindario ei*). Nesse caso, a expressão *e persona ei* não é anafórica mas sim indefinidora, mas as expressões seguintes (*e sorto di trabou ei* e *e bisindario ei*) continuariam sendo casos de anáfora associativa, mas em relação a *e persona ei*, e não a *un persona*. Pode-se argumentar em favor da primeira interpretação a existência de reiteração nominal entre o antecedente e a primeira expressão demonstrativa (ambos com *persona*), processo muito comum em cadeias referenciais que contém expressões demonstrativas.

As oito demais ocorrências de F2 em anáfora no *corpus* do PAP parecem constituir novamente casos de variação linguística, pois não há evidência de função superveniente que esteja presente neles. Desses oito casos, três são com demonstrativo em posição de núcleo (*esei*), nos dados em (13), (19), (21), e cinco em posição de margem (*e...ei*), nos dados em (16), (17), (20), (25) e (27). Um exemplo interessante para reforçar a constatação de variação linguística é o dado a seguir:

(31) El a sigui splika ku el a bende 4 telefòn i ku e tabatin un ganashi di 200 florin riba *e telefònnan aki*, [...] (PAP, 19/11/2019).

O dado em (31) pertence à mesma notícia do dado em (29) e, em ambos, a expressão demonstrativa tem mesmo núcleo nominal (*telefònnan*), que é reiteração do núcleo do antecedente (*telefòn*), sem marcação de plural, mas em (31) se empregou F1 e em (29) se usou F2. Todos os telefones em questão teriam sido vendidos pela mesma pessoa, o que significa que as formas diferentes de demonstrativos não teriam a função de diferenciar o proprietário desses telefones; além disso, a menção a dois telefones em (29) precede a menção a quatro telefones em (31), o que significa que a forma diferente em (31) não teria a função de diferenciar um grupo menor de telefones de um grupo maior, já que a expressão demonstrativa em (31) abarca os referentes de (29).

Para encerrar, convém fazer breve menção a demonstrativos presentes em locuções conjuncionais que não foram computados no conjunto dos 200 dados analisados acima, mas que apareceram na extensão dos *corpora* que os abarcam. As locuções conjuncionais, em função de sua função, tendem a se comportar como estruturas gramaticalizadas, com comportamento singular. No *corpus* do CCV,

identificaram-se sete ocorrências de locução conjuncional com a forma *pur isu* e no *corpus* do PAP 4 ocorrências de *p'esei* e duas de *pa esaki*, como nos exemplos a seguir:

- (32) Kel li tambe podi ten a ver ku kultura maxista di kabu-verdianu ki ta odja sexualizason di mudjer komu algu imoral, inpuru, ou mesmu menus intelijenti ou menus kompetenti... Ê talves també *pur isu* ki Janira ku PAICV grába, pa alen, ê klaru, di Janira odja si imagen ta ser degradadu di un forma nojentu y vulgar [...]. (CCV, 05/10/2018)
- (33) Teniendo kuenta ku e presis ferbal presentá, wes komisario a husga ku tin suficiente opheshon i motibunan grave i p'esei a ordená e detenshon preventivo. (PAP, 18/11/2019)
- (34) Mr. Edelenbos a splika ku e dama tabata suponé di sa ku e telefòn ta hòrtá mirando ku un telefòn Iphone nobo i den su kaha no por wòrdu bendé pa un preis asina barata. Pa esaki wes a konkluí ku e dama tambe ta kómplise i a konden'é na kastigu di prizòn. (PAP, 19/11/2019)

Em todos esses casos tem-se uma locução conjuncional consecutiva com demonstrativo desempenhando função anafórica. No caso do CCV, a locução conjuncional apresenta uma forma de demonstrativo (*isu*) de uso bastante restrito, não sendo usada em cadeias referenciais como forma isolada. No caso do PAP, a forma mais comum é *p'esei* mas ocorre também *pa esaki*, que curiosamente não apresenta elisão como a outra forma. Mais uma vez constata-se a existência de variação linguística, pois os contextos e uso dessas duas formas são muito semelhantes: cf., por exemplo, o fato de que, nos dados em (33) e (34), a locução retoma igualmente antecedente oracional próximo. Nota-se, porém, uma particularidade no PAP: como forma livre de demonstrativo em anáfora, predomina F1, mas, como forma presente em locução conjuncional, igualmente em anáfora, predomina F2. É possível, no entanto, que o fenômeno de uso de F1 na locução conjuncional seja recente, considerando que, como não houve a perda de material fônico (a referida elisão) própria de fenômenos de gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT, 1993), ter-se-ia um indicativo de processo de gramaticalização em fase inicial.

### Considerações finais

Este estudo teve como objetivo analisar demonstrativos no CCV e no PAP na função de anáfora no gênero textual de notícia. A primeira hipótese testada foi a de que *a função anafórica é codificada prototipicamente por uma forma específica em cada língua*. Essa hipótese foi confirmada, pois se constatou que, no CCV, a forma prototípica usada para essa função foi F1 sem adjunção adverbial (*es*) e, no PAP, foi F1 (*e...aki/esaki*). A segunda hipótese testada foi a de que *outras formas podem aparecer exercendo essa função excepcionalmente*. Essa hipótese também foi confirmada, já que se constatou o emprego de FII (*kel/kes*) e FII com adjunção adverbial de *li* (*kel li*) exercendo a função de anáfora no CCV e de F2 (*e...ei/esei*) e de F3 (*e...ayá*) no PAP. No caso do CCV, as formas alternativas para expressar anáfora podem ocorrer por duas razões: (a) quando se trata de expressão demonstrativa com demonstrativo na posição de núcleo (empregando-se *kel li*) e (b) quando há a função superveniente de ativação de conhecimento compartilhado pressuposto pelo locutor (empregando-se *kel/kes* sem adjunção adverbial). Entretanto, há também a possibilidade de ocorrer FII sem adjunção adverbial (*kel/kes*) em contextos que não são os dois descritos anteriormente, o que significa que haveria variação linguística nesse domínio. No caso do PAP, as formas alternativas para expressar anáfora podem ocorrer para codificar diferentes graus de distância em relação ao lugar da enunciação no caso de expressões demonstrativas temporais: (a) usa-se F3 (*e...ayá*) para marcar passado distante, (b) usa-se F2 (*e...ei*) para marcar passado indefinido ou próximo e (c) usa-se F1 para marcar futuro próximo. Entretanto, constou-se também a existência de variação linguística, pois houve ocorrência de F1 (*e...aki*) em expressão demonstrativa temporal para marcar passado próximo, assim como o faz prototipicamente F2 (*e...ei*), e também de F2 (*e...ei/esei*) em expressões demonstrativas não temporais, assim como o faz prototipicamente F1 (*e...aki/esaki*). Complementarmente verificou-se a existência de demonstrativos em locuções conjuncionais, que apresenta, no CCV, a forma peculiar *pur isu* e, no PAP, as formas *p'esei* e *pa esaki*, o que indica haver variação linguística no PAP mesmo em locuções conjuncionais.

## Referências

ALEXANDRE, N.; SOARES, N. V. O domínio nominal em CCV: o *puzzle* dos *bare nouns*. In: ENCONTRO Nacional da APL, XX, Lisboa. *Anais...* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005. Disponível em: [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/30793/1/Alexandre\\_Soares2005-Dom%\*c3\*%adnioNom\\_CCV.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/30793/1/Alexandre_Soares2005-Dom%c3%adnioNom_CCV.pdf). Acesso em: 18 jun. 2020.

BAPTISTA, M. *The syntax of Cape Verdean Creole: the sotavento varieties*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002. (Linguistics Today Linguistik Aktuell 54).

BRÜSER, M.; SANTOS, A. dos R. *Dicionário do crioulo da Ilha de Santiago (Cabo Verde) com equivalentes de tradução em alemão e português*. Tübingen: Gunter Narr, 2002.

CAMBRAIA, C. N. *Assimetrias românicas: sistemas de demonstrativos (português brasileiro × espanhol mexicano) [fase I]*. 2012. Relatório Final (Produtividade em Pesquisa, CNPq) — Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

CAMBRAIA, C. N. Competição entre motivações: uma discussão sob a perspectiva da linguística românica. In: OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. do. (Org.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj, 2015a, p. 99-112.

CAMBRAIA, C. N. *Assimetrias românicas: sistemas de demonstrativos (português brasileiro × espanhol mexicano) [fase II]*. 2015. Relatório Final (Produtividade em Pesquisa, CNPq) — Universidade Federal de Minas Gerais, 2015b.

CAMBRAIA, C. N. *Assimetrias românicas: sistemas de demonstrativos (latim / português brasileiro e europeu × espanhol mexicano e europeu) [fase III]*. 2018. Relatório Final (Produtividade em Pesquisa, CNPq) — Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.

CAMBRAIA, C. N.; MELO, T. C. A. de; VILACA, C. E. L.; SALTARELLI, T. C. V. L. Demonstrativos na România medieval: uma análise comparativa em uma perspectiva funcional. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 60, n. 1, p. 29-59, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5794-1604-2>. Acesso em: 18 jun. 2020.

CARDOSO, E. A. *O crioulo da Ilha de S. Nicolau de Cabo Verde*. Lisboa/Praia: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/Instituto Cabo-Verdiano do Livro, 1990

DELGADO, C. A. *Crioulo de Cabo Verde: situação linguística da zona de barlavento*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional do Livro, 2008.

ECHEVERRÍA, S. E. *Assimetrias românicas: sistemas de demonstrativos (português europeu × espanhol europeu dos sécs. XVIII a XX)*. 2012. Relatório Final (Estágio Pós-Doutoral) — Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001. 2 v.

- GOILO, E. R. *Papiamentu textbook*. Aruba: De Wit Stores, 1962 [2000].
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976 [2004].
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Gramaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LENZ, R. *El Papiamento: la lengua criolla de Curazao*. Santiago de Chile, Balcells & Cia., 1928.
- LUCCHESI, D. The article systems of Cape Verde and São Tomé Creole Portuguese: general principals and specific factors. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, Philadelphia/Amsterdam, v. 8, n. 1, p. 81-108, 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.1075/jpcl.8.1.04luc>. Acesso em: 18 jun. 2020.
- MARTELOTTA, M. E.; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: FAPERJ/DP&A, 2003.
- MAURER, P. *Les modifications temporelles et modales du verbe dans le papiamento de Curaçao (Antilles Néerlandaises)*. Avec une anthologie et un vocabulaire papiamento-français. Hamburg: Buske, 1988. (Kreolische Bibliothek, 9)
- MUNTEANU, D. *El papiamento, lengua criolla hispánica*. Madrid: Gredos, 1996.
- NEVES, M. H. de M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- QUINT, N. *Grammaire de la langue cap-verdienne*. Paris: L'Hartmann, 2000.
- RAMALHO, V. H. B. *Sistema de demonstrativos no português brasileiro e no espanhol mexicano: os gêneros notícia e romance e suas tradições discursivas*. 2016. 260 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) — Universidade Federal de Minas Gerais, 2016. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MGSS-A9ZRHQ/1/ramalho\\_2016\\_\\_\\_sistema\\_de\\_demonstrativos.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/MGSS-A9ZRHQ/1/ramalho_2016___sistema_de_demonstrativos.pdf). Acesso em: 18 jun. 2020.
- RAMALHO, V. H. B. *Tradições discursivas do gênero notícia e os sistemas de demonstrativos no português e no espanhol europeus e latino-americanos*. 2018. Relatório Final (Estágio Pós-Doutoral) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2018.
- SWOLKIEN, D. *The Cape Verdean creole of São Vicente: its genesis and structure*. 2015. 301 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa: Investigação e Ensino) – Universidade de Coimbra, 2015. Disponível em: <https://eg.uc.pt/bitstream/10316/27018/1/The%20Cape%20Verdean%20Creole.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2019. 2015.
- VEIGA, M. *Le créole du Cap-Vert: étude grammaticale descriptive et contrastive*. Paris/Praia: Karthala/ICP, 2000.